

CICLO DOCUMENTE-SE! Registos na primeira pessoa

Projecto de Improvisação: *Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo*



© António Jorge Gonçalves

Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo é um projecto de improvisação dirigido por Rita Natálio para três *performers*. Usando como referência um conjunto de testemunhos recolhidos previamente do exterior através de entrevistas, encontros, apropriações espontâneas, etc, é um projecto que procura reflectir sobre fenómenos de construção/narração identitária através de registos na 1ª pessoa. O resultado final será uma improvisação com o tempo real das histórias de vida - monólogo a três vozes, linha de montagem de ideias ou concerto de experiências faladas do mundo.

Para a recolha de registos na 1ª pessoa de *Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo*, convidamo-lo a enviar textos, memórias e experiências para o e-mail ser.art.performativas@serralves.pt até ao dia 12 de Março.

Esses documentos serão utilizados como materiais de pesquisa e improvisação e não como bases para reprodução fidedigna em palco. Será igualmente garantido o anonimato de todos os participantes.

Caso esteja interessado em colaborar, e sinta necessidade de ter um ponto de referência para escrever o seu contributo, aqui vão algumas palavras-chave que poderão ajudá-lo a começar:

- "Se não estivesse aqui estava a..."
- "Normalmente aos domingos..."
- "Eu conheço o(a)..."
- "Não consigo resistir..."
- "Vejo-me daqui a 10 anos..."
- "Não estava nada à espera",
- "Nunca liguei nada ao dinheiro",
- "Em casa gosto de..."

Para além dos registos escritos, poderá igualmente deixar o seu registo oral através da marcação directa de entrevistas com Rita Natálio. Todas as entrevistas terão um registo audiovisual que será recolhido nos dias:

- **13 de Março**, entre as 11h00 e as 17h00, na sala do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Via Panorâmica, s/n, Torre B, 4.º piso). As inscrições devem ser enviadas para o e-mail lilianafcpinto@gmail.com até ao dia **12 de Março**.

- **14 de Março**, entre as 10h e as 19h, no Museu de Serralves (R. D. João de Castro, 210). As inscrições devem ser enviadas para o e-mail ser.art.performativas@serralves.pt até ao dia **13 de Março**.

Solicita-se indicação do nome, do e-mail e de um contacto telefónico directo para posterior divulgação do horário da entrevista.

Contamos consigo.

A Comissão Organizadora do **DOCUMENTE-SE!**

Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo é um projecto de improvisação dirigido por Rita Natálio para três performers. Usando como referência um conjunto de testemunhos recolhidos previamente do exterior através de entrevistas, encontros, apropriações espontâneas, etc., é um projecto que procura reflectir sobre fenómenos de construção/narração identitária através de registos na 1ª pessoa. O resultado final será uma improvisação com o tempo real das histórias de vida - monólogo a três vozes, linha de montagem de ideias ou concerto de experiências faladas do mundo.

Excertos de diário de bordo, Setembro 2008

"A escolha dos "registos na 1ª pessoa" como ponto de partida é um pretexto. E mais do que querer tratar de algum assunto "autobiográfico" marcante, interessa-me perceber como criamos estruturas identitárias – verdadeiros mapas com continentes (pilares) que nos ancoram a uma imagem complexa e singular. O registo na primeira pessoa como uma espécie de corrida de fundo de palavras que transitam entre: 1. as memórias que tenho e as expectativas que crio em relação ao futuro (o que me parece ser a minha história, e o sítio para onde quero ir tendo em conta essa imagem do passado); 2. aquilo que penso que sou (autobiografia) e aquilo que os outros pensam que sou (retrato).

A identidade, parece-me, é o resultado de uma relação antropofágica com o mundo. O consumo de imagens e sensações é constantemente digerido e dirigido para novos movimentos do ser. Tentei há tempos perceber como é que isso se punha num papel (e tentei pensar na minha vida) e dei por mim a fazer um gráfico cheio de setas onde dentro de cada caixinha entravam coisas tão diferentes como um vídeo do youtube que vi há duas semanas, fotografias de casamento da minha mãe, poemas, imagens, músicas, livros, performances que vi. Fiz um gráfico pessoal e quase intransmissível – é um facto – mas vi-o cheio de fragmentos de outras pessoas, de imensas coisas que não me pertenciam directamente.

E à medida que fui pensando e tentando fazer isto, fui-me apercebendo de duas outras coisas. A primeira é que por mais multiplicidade que se queira dar a uma coisa, está-se sempre a cair em dualismos metodológicos. Do género: esta memória é minha, esta não. Isto sou eu a fazer tal

coisa, isto é uma citação. Isto sou eu, isto é apenas a minha imagem ou o meu Myspace. Porque sempre que nos tentamos registar, ganhamos perfil de cientistas das nossas próprias idiosincrasias.

A segunda coisa é que é muito difícil fazer um diagnóstico sério do que somos - há um verdadeiro horror à fixação. Que difícil dizer: "eu sou assim" nos tempos que correm. Que difícil: acreditar em coisas, ter princípios, ser constante, sem esboçar um sorriso irónico logo a seguir. Porque sim, temos vontade de ser únicos e de falar na primeira pessoa. Sim, temos vídeos caseiros no Youtube e informamos diariamente os nossos amigos do Facebook sobre os nossos estados de espírito do dia (*Status: Rita is going mad with work. Needing advice*). Mas tudo isso é bom e normal se não for muito a sério e, mais do que isso, se não for para sempre. Tudo menos aprisionarem-nos numa identidade completamente reconhecível, já pensada, já feita, já sentida. Queremos ser íntimos, muito íntimos, mas da forma mais distanciada possível. E queremos ser reconhecidos, "pertencer à nossa tribo", mas garantir que temos genes mutantes.

Somos um still de um strip-tease: já ninguém sabe dizer se a pessoa da fotografia se está a despir ou a vestir. Somos um Eu "cortado às postas", recortado em blocos incommunicantes, indefinições, estados híbridos, soma de partes e muito raramente totalidade. Na identidade, as regras do jogo mudam continuamente durante a partida - procura-se a satisfação imediata de urgências, recusa-se ficar amarrado a um lugar ou condição. A identidade é descartável, performativa - utilizada e posta de parte para nova etapa. E agora lembro-me do George Steiner: estamos na era do impacto máximo e obsolescência imediata. Os valores, as estratégias, os desejos adaptam-se a uma perspectiva da vida por episódios nos quais se procura um máximo de resultados no mínimo espaço de tempo e uma reciclagem permanente. E o mesmo no amor - nem compromissos nem união do amor romântico, mas tão só uma confluência de circunstâncias. O Bauman fala tanto desta modernidade líquida (ou amor líquido) e é tão interessante.

Foi tudo isto que me levou a pensar neste dispositivo de 3 pessoas que falam de si próprias como se fossem uma única pessoa. E o título: "nada do que dissemos até agora teve a ver comigo". Narrativa por acumulação de informações e não por conclusão. Biografia por circulação, e não por concentração. Sem meta, sem assunto pré-definido. Vamos ver como corre.

Rita Natálio